

O LEGADO ARQUITETÔNICO DOS POMERANOS LUTERANOS NO INTERIOR DO ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Data de submissão: 28/03/2023

Data de aceite: 02/05/2023

Karla Fernanda da Silva Kiister

Universidade de Vila Velha (UVV)
– Programa de Pós Graduação em
Arquitetura e Cidade (PPGAC)
Vila Velha- Espírito Santo, Brasil
<https://lattes.cnpq.br/8022310365937421>

Melissa Ramos da Silva Oliveira

Universidade de Vila Velha (UVV)
– Programa de Pós Graduação em
Arquitetura e Cidade (PPGAC)
Vila Velha- Espírito Santo, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/3634919604261071>

RESUMO: O Estado do Espírito Santo, sobretudo as regiões de montanha do interior, foram colonizadas por imigrantes italianos, alemães e pomeranos ao longo do século XIX e XX. Os imigrantes pomeranos iniciaram sua ocupação na região do atual município de Santa Maria de Jetibá por volta de 1859, onde difundiram sua cultura, tradições, crenças, costumes, modo de vida e formas de construir, ao mesmo tempo que tiveram que se adaptar as condicionantes locais para sua difusão. Especificamente no caso da arquitetura, as adaptações necessárias ao clima diferente e aos materiais disponíveis na

região consolidaram uma nova arquitetura, tipicamente pomerana no Brasil. O objetivo deste artigo é identificar e caracterizar as tipologias arquitetônicas pomeranas que se difundiram no interior do Espírito Santo, tendo o município de Santa Maria de Jetibá como objeto de análise. A pesquisa teórico-exploratória realizou revisão bibliográfica sobre imigração e pesquisa documental em arquivos públicos, assim como levantamento fotográfico no local. Os resultados da pesquisa buscam contribuir para o registro da arquitetura pomerana brasileira, assim como para a preservação do seu patrimônio cultural, um legado de extrema valia para a cultura capixaba.

PALAVRAS-CHAVE: Pomeranos. Imigrantes. Arquitetura pomerana. Santa Maria de Jetibá. Espírito Santo.

THE ARCHITECTURAL LEGACY OF THE LUTERAN POMERANS IN THE INTERIOR OF ESPÍRITO SANTO, BRAZIL

ABSTRACT: The State of Espírito Santo, especially the mountain regions in the interior, were colonized by Italian, German and Pomeranian immigrants throughout the 19th and 20th centuries. The Pomeranian

immigrants began their occupation in the region of the current municipality of Santa Maria de Jetibá around 1859, where they spread their culture, traditions, beliefs, customs, way of life and ways of building, at the same time that they had to adapt to the conditions places for its dissemination. Specifically in the case of architecture, the necessary adaptations to the different climate and materials available in the region consolidated a new architecture, typically Pomeranian in Brazil. The objective of this article is to identify and characterize the Pomeranian architectural typologies that spread in the interior of Espírito Santo, having the municipality of Santa Maria de Jetibá as the object of analysis. The theoretical-exploratory research carried out a bibliographical review on Pomeranian immigration, documentary research in public archives, as well as a photographic survey on site. The results obtained seek to contribute to the registration of Brazilian Pomeranian architecture, as well as to the preservation of its cultural heritage, a legacy of extreme value for the culture of Espírito Santo.

KEYWORDS: Pomeranians. Immigrants. Pomeranian architecture. Santa Maria de Jetiba. Espírito Santo.

1 | INTRODUÇÃO

Como se constitui o legado de um povo? Legado é algo transmitido de uma geração para outra ou de pai para filho, de forma espontânea, o que lhe confere uma relevância ímpar para a formação da identidade cultural. Hall (2001) e Castells (2008) ressaltam que a identidade se configura a partir de movimentos que se produzem dentro das sociedades, dialogam com os sistemas culturais que nos rodeiam e internalizam significados e valores que podem provir de suas práticas culturais. Os lugares nos quais as lembranças são evocadas, caracterizam o que Pierre Nora (1993) denomina de “lugares de memória”.

São, dessa maneira, paragens materiais (tangíveis) e imateriais (intangíveis) onde se solidifica a memória de uma coletividade, de um país, lugares em que grupos ou povos se identificam ou se perfilam, o que permite o aparecimento de um sentimento de identidade e de concernimento (OLIVEIRA, FERREIRA, GALLO, 2017, p. 214).

Nesse sentido, a abordagem sobre a cultura pomerana é inerente a própria cultura capixaba, pois engloba ações, conhecimentos, costumes, crenças e valores que evocam memórias, resgatam significados próprios da tradição pomerana e solidificam tradições.

Os primeiros imigrantes pomeranos chegaram ao estado do Espírito Santo no ano de 1859. Dentre os fatores que impulsionaram sua vinda estão a instabilidade política e econômica que a Pomerânia sofreu durante séculos, como a fome, a peste negra e a falta de perspectiva gerada pelas inúmeras guerras que o território enfrentou durante sua história. O aumento do desemprego, decorrente da Revolução Industrial na Europa, assim como a escassez de terras férteis e o desejo de professarem livremente a fé luterana sem perseguições religiosas, também contribuíram para o processo migratório.

Sua difusão no estado do Espírito Santo ocorreu em regiões montanhosas do interior, ao longo do rio Santa Maria da Vitória, onde fixaram-se inicialmente nas glebas localizadas

no atual município de Santa Leopoldina e, posteriormente, adentrando a mata e subindo as montanhas, ocuparam a região do atual município de Santa Maria de Jetibá, localizado a aproximadamente 80 quilômetros da capital Vitória (Figura 1). Na atualidade, é notório a presença das tradições e costumes pomeranos no cotidiano da população local em ambos os municípios. Também é evidente a presença marcante da arquitetura pomerana na paisagem, seja nas construções residenciais típicas, nas igrejas ou nos cemitérios.

O objetivo desta pesquisa é analisar as tipologias remanescentes que configuram a arquitetura pomerana do interior do Estado do Espírito Santo – um grande legado da cultura pomerana e um forte símbolo de resistência face às atuais práticas hegemônicas e globalizadoras. Como objetivo específico, a pesquisa almeja: a) compreender quais foram as referências arquitetônicas trazidas da Pomerânia, b) identificar quais foram as adaptações climáticas e construtivas realizadas no contexto local para consolidar uma arquitetura tipicamente pomerana no Brasil, c) avaliar a trajetória dos pomeranos no interior do estado.

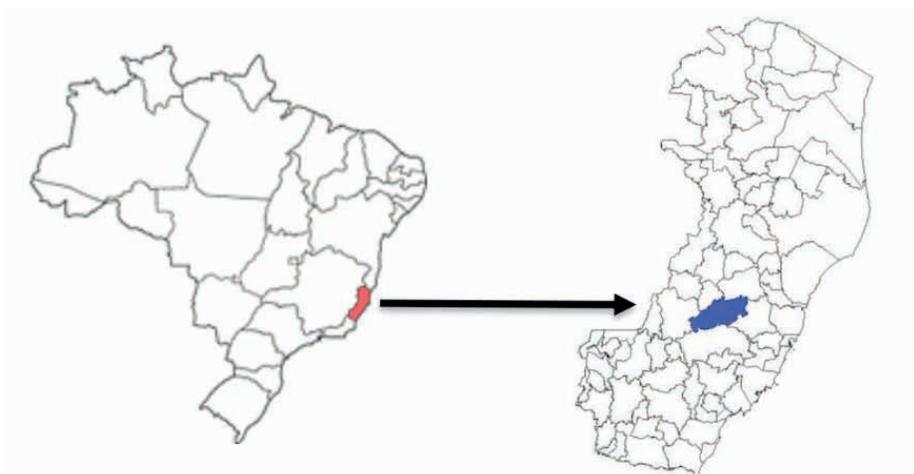


Figura 1 - Mapa de Localização do Estado do Espírito Santo, Brasil (Vermelho) e do município de Santa Maria de Jetibá (Azul).

Fonte: Autoras, 2022

A investigação, teórico-exploratória utiliza pesquisa bibliográfica e documental como prática investigativa. A bibliografia existente, mesmo que incipiente, subsidiou o embasamento teórico. A pesquisa documental, realizada nos Arquivos Público de Santa Maria de Jetibá e do governo do estado, além dos registros da Igreja Luterana local, complementaram as informações. Durante a pesquisa constatou-se a escassez de pesquisas científicas referentes aos imigrantes pomeranos no Brasil e também no Espírito Santo. No que se refere especificamente ao patrimônio cultural, existem poucas produções

científicas e técnicas, o que justifica a relevância desta investigação. A pesquisa de campo propiciou a execução do levantamento fotográfico e da observação in loco.

A pesquisa identificou dois tipos de arquitetura característicos na paisagem de Santa Maria de Jetibá/Es, que serão abordadas nesta pesquisa: a arquitetura civil – associada às casas típicas e a arquitetura religiosa – composta pela Igreja Luterana e os cemitérios.

A TRAJETÓRIA DOS POMERANOS LUTERANOS NO INTERIOR DO ESÍRITO SANTO

No século XIX, o cenário político e econômico no Brasil era de mudanças. No ano de 1847, segundo dados do Projeto Imigrantes/ES, iniciou-se um grande incentivo do governo para a imigração em massa de europeus. No Espírito Santo, o então presidente da província, Couto Ferraz, liderou esse processo, visando povoar as áreas do território e desenvolver a economia com a agricultura. Em 1888, com a abolição da escravidão, o governo substituiu a mão de obra negra, até então empregada nas lavouras, pelos imigrantes europeus. Além da necessidade econômica, existia por trás desta questão objetivos sociais. Corona (2012, p. 33) cita a existência de “um processo conhecido com branqueamento que consistia em clarear a pele dessa população através da mestiçagem. Era uma tentativa de melhorar a raça brasileira”.

No Espírito Santo, a imigração europeia tinha como objetivo inicial o povoamento da parte interiorana do estado e o fortalecimento da atividade agrícola. Até o final da década de 1850, o estado possuía grandes áreas de terra desertas, concentrando o seu povoamento na região litorânea e em pequenas áreas interioranas, como nos municípios de Cachoeiro de Itapemirim e Alegre. Com a decadência do açúcar e o crescimento do café, a imigração encontrou caminhos favoráveis para sua implantação. Vieram para o Espírito Santo famílias de várias nacionalidades europeias, tais como alemãs, espanholas, italianas, portuguesas, holandeses, luxemburgueses e pomeranas. O governo fornecia a estes a passagem da Europa até Vitória e desta até o destino final. No relato a seguir, é possível observar as dificuldades enfrentadas por muitas famílias durante o trajeto.

Os nossos emigrantes faziam a viagem em veleiros que, dependendo do vento ou do tempo a favor ou contra, levavam dois, quatro ou até seis meses até alcançarem o bonito e paradisíaco porto do Rio de Janeiro, a capital do então governo imperial, de onde eram transportados em embarcações costeiras até Vitória, capital da província do Espírito Santo. O trajeto da viagem, a partir do rio até a chegada ao destino final, era feito num pequeno espaço, muitos no convés sem cobertura de proteção, durante dias e noites, expostos as intempéries do clima e do tempo (GAEDE, 2012, p.20).

Ao chegarem à capital Vitória, os imigrantes eram alojados na hospedaria Pedra D'Água. Segundo dados do Projeto Imigrantes/ES, estima-se que, entre os anos de 1889 e 1900, a hospedaria recebeu mais de 20 mil imigrantes de várias partes, principalmente da

Europa. A tabela 01 mostra o número de imigrantes registrados de acordo com o seu ano de chegada. Vale ressaltar que foram apontados apenas os imigrantes que deram entrada na hospedaria Pedra D'Água. Até o 1889, ano de sua inauguração, o desembarque se dava diretamente pelo porto de Vitória e os alojamentos, quando existiam, eram formados por barracões improvisados nas vizinhanças da capital. Aqueles que chegaram ao porto de Vitória até 1888 ou que entraram diretamente pelas vias fluviais, como Benevente, Itapemirim, Itabapoana e Rio de Janeiro, por já terem passado pela hospedaria da Ilha das Flores, não eram cadastrados novamente.

Ano	1889	1890	1891	1892	1893	1894	1895	1896	1897	1898	1899	1900
Imig	2.837	383	4.454	552	3.102	4.044	4.632	3.122	113	10	6	19

Tabela 2 - Nação de origem e o respectivo número de imigrantes:

País	Alemanha	Áustria	Bélgica	Espanha	França	Grécia	Holanda	Itália
Imig	143	75	9	2.480	34	2	5	18.633

País	Polônia	Portugal	Rússia	San Marino	Suíça	Ucrânia	Outros
Imig	92	1.219	104	363	13	70	27

Tabela 01 – Número de imigrantes - por ano e origem – conforme chegada no Espírito Santo.

Fonte: Projeto Imigrantes Espírito Santo.

Após o conhecimento da localização de suas terras, os imigrantes subiam os rios em canoas e enfrentavam a mata fechada até chegarem à 'terra prometida'. Inicialmente, ocuparam a região montanhosa do Espírito Santo, onde o clima era frio e úmido. Em 1880, iniciou-se o processo de migração interna dos imigrantes e seus descendentes em direção ao norte do estado. Tal dispersão se deu em busca de novas terras e melhores condições de vida, e foi facilitada pela construção da ponte sobre o Rio Doce em Colatina, ligando a região norte à região sul capixaba.

Cada colono recebia do governo “um lote de terra, com mil braçadas quebradas de derrubada de árvore para a primeira lavoura, um rancho para a habitação provisória, sementes, um casal de porcos, duas galinhas e um galo” (CORONA, 2012, p.35). Em troca, o colono deveria pagar estas despesas em um prazo de quatro anos, contados a partir de três anos de ocupação da terra. O título definitivo de posse da terra só era concedido após o pagamento de todas as dívidas destes ao governo.

O início da vida na nova terra não foi fácil para as famílias de imigrantes europeus. Sem o apoio adequado das autoridades e enfrentando dificuldades, muitos morriam cedo, por motivos de fome, picadas de animais e doenças desconhecidas até então. Relata-se neste período um grande número de natimortos e crianças que faleciam antes de completarem um ano de idade.

As primeiras famílias luteranas chegaram ao Brasil no ano de 1824 e ocuparam a região de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro e de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

Somente no ano de 1846 chegaram os primeiros luteranos no Espírito Santo, a bordo do navio *Philomena*, que partiu do porto de Antuérpia, na Bélgica com destino ao porto do Rio de Janeiro. Este grupo era composto por 108 pessoas. No ano seguinte, desembarcou uma segunda leva, composta por 46 pessoas e posteriormente, no mesmo ano, um terceiro grupo com 11 pessoas, totalizando assim 38 famílias germânicas (165 pessoas), sendo 16 seguidoras do luteranismo e 23 do catolicismo. Estas famílias foram conduzidas pelo rio Jucu até a colônia de Santa Isabel/Campinho, onde receberam uma área de terra e uma ajuda de custo em forma de empréstimo. Esse foi o início da presença luterana no Espírito Santo.

Nos primeiros quarenta anos, as comunidades evangélicas, que mais tarde viriam a formar a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, estavam bastante abandonadas. Organizavam suas comunidades sem muitas formalidades. De simples cultos domésticos, evoluíram depois para comunidades, elaborando seus estatutos e elegendo as diretorias. Nas comunidades conviviam inicialmente luteranos, reformados e unidos (Portal dos Luteranos, 2022).

Os primeiros pomeranos desembarcaram no porto de Vitória no ano de 1859. Era um grupo de 117 pessoas que saíram do porto de Hamburgo, na Alemanha a bordo do Navio *Eleonore*. Os pomeranos habitavam a Pomerânia, país localizado no Mar Báltico, tendo a Alemanha e Polônia como divisas territoriais (Figura 03). Eram pequenos agricultores e diaristas. Entre os anos de 1872 e 1873 chegaram ao Espírito Santo aproximadamente 2.142 imigrantes pomeranos, transformando este no estado brasileiro com o maior número de descendentes pomeranos no Brasil. No Gráfico 01, observa-se as regiões do antigo império alemão de onde vieram os imigrantes de origem germânica para o Espírito Santo, sendo 63% oriundos da antiga Pomerânia.

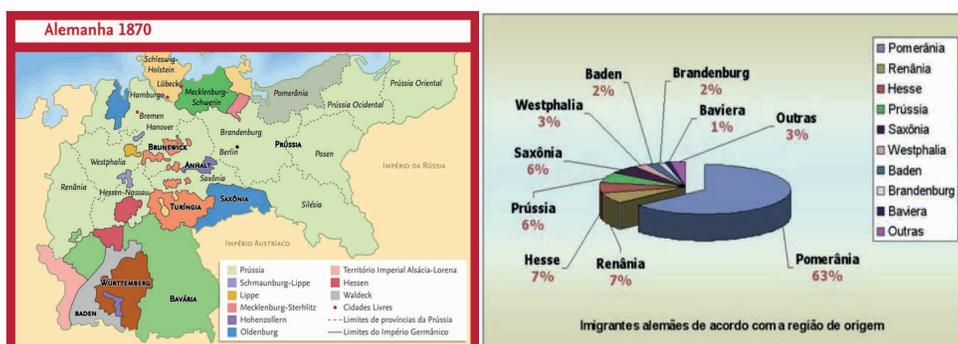


Figura 03: Mapa localização da Pomerânia na Europa; gráfico 01 - Regiões da Alemanha de proveniência dos imigrantes.

Fonte: Projeto Imigrantes; Manske (2016, p.108)

O LEGADO ARQUITETÔNICO POMERANO

A arquitetura pomerana pode ser dividida em dois tipos: a arquitetura religiosa, com as igrejas luteranas e o cemitério, e a arquitetura civil, com as casas típicas rurais como principal representação. Segundo Jacob (2010, p.43), “a arquitetura pomerana resulta de um processo de construção, de uma combinação de formas aprendidas na Pomerânia com as aprendidas com o meio e as culturas presentes no local para o qual imigraram”. Ao chegarem às glebas destinadas, uma das primeiras medidas adotadas pelos imigrantes pomeranos luteranos era a construção de um cemitério e de uma capela-escola para a realização de seus cultos.

As casas unifamiliares refletiam o amor pela pátria mãe nas fachadas, com as cores branco e azul, a valorização da natureza, com os motivos florais e uma arquitetura única, voltada para a união da família e o trabalho no campo. Eram edificações simples, utilizando para sua construção os materiais disponíveis na natureza do contexto local. As lembranças das construções da antiga Pomerânia serviam de partido para as edificações na nova terra e, aos poucos, com a participação da comunidade em regime de mutirão, surgiu uma arquitetura pomerana em terras capixabas.

Cemitérios

Seguindo a crença luterana da ressurreição após a morte, os cemitérios eram considerados espaços sagrados e, por isso, deveriam ser construídos próximos as igrejas, em locais abertos, sem a possibilidade de sombra de construções na vizinhança. Os cemitérios construídos pelos imigrantes pomeranos possuíam simbologias únicas, implantadas a partir de dogmas luteranos e da cultura de seus antepassados - o povo *Wende* na Pomerânia -, o que demonstra a mescla destas duas na vida do pomerano.

Os túmulos possuem até os dias atuais escritos em alemão e são cuidados diariamente, sendo mantidos limpos e decorados. Almeida (2015) afirma que os pomeranos consideram os cemitérios como locais sagrados. Sendo assim, parte dos túmulos possuem dizeres em alemão (Figura 04), língua utilizada pela igreja no início da imigração. Além disto, eram implantados de maneira que fiquem de frente para o sol nascente, “em respeito à analogia de que o sol represente a Deus” (CORONA, 2012, p.91).

Em sua construção, os pomeranos:

Pintam de cal suas sepulturas, enfeitam com muitas flores e galhos de pinheiro, capinam o terreno ao seu redor, e conservam aquilo que consideram um monumento, isto é, um patrimônio cultural, pois trata-se de um local, por excelência, de construção da história do grupo e de sua origem mítica, sendo tomado como referência para se refazer a história da imigração dos pomeranos no Brasil e seus laços de parentesco. A importância da visita ao cemitério não se restringe ao dia de finados (ALMEIDA, 2015, p.57).

No início da imigração, AMBROZIAKI; MANSKE (2021) destacam para o fato

edificação era posicionada paralelamente a estrada de acesso a esta. Tais características facilitavam a proteção da casa contra invasores. Desta forma, a casa se camufla e facilita a identificação do visitante. Além disto, buscava-se construí-la próximo a fontes de água corrente.

A casa típica pomerana utilizou o sistema construtivo de enxaimel² com encaixes retos, possuindo assim um esqueleto estrutural independente, em que as vedações não possuíam papel estrutural. Segundo Rölke, (1996), surgiu nas colônias de imigração germânica no Brasil, um novo estilo, que adicionava ao conhecimento da produção do enxaimel, herdada na Alemanha, com a realidade tropical, onde foram adaptadas aos esquemas culturais e históricos. As paredes eram construídas de taipa de mão (barro e tramas de madeira), com aproximadamente 15 cm de espessura (Figura 05) Posteriormente, recebiam argamassa feita a base de argila e pintura a base de cal. Internamente, eram pintadas com cores alegres. Externamente, caracterizam-se pela presença do azul e branco nas fachadas, cores que refletiam o amor deste povo pela sua terra natal, reproduzindo em sua moradia as cores da bandeira da Pomerânia. A casa era uma construção simples, “voltadas para a ética do trabalho, sobretudo para a lavoura. Ela melhorava se a colheita fosse boa” (JACOB, 2010, p. 43).

As habitações familiares pomeranas caracterizam-se por serem germinadas, com esquadrias de madeira que marcam a simetria frontal da fachada. A casa era construída em um nível acima do solo, sob moleques de pedra ou madeira, de forma a melhorar o conforto térmico internamente e proteger contra ataques de animais da mata, possibilitando também sua adaptação aos desníveis do solo. No porão, eram colocados animais e equipamentos agrícolas. O calor gerado pelos animais, com o gás carbônico liberado na respiração, gerava ar quente que, sendo mais leve que o ar frio, subia pelas frestas do piso, empurrando o ar frio para fora da casa, aquecendo assim seu interior.

Uma escada de madeira dá acesso ao interior da edificação, passando pela varanda, ambiente de socialização do pomerano, que por sua vez era comumente enfeitada com gradis, lambrequem e motivos florais. Sob o telhado de duas águas, encontra-se a janela de oitão ou óculo, elementos característicos marcantes que serviam para que o imigrante pudesse observar, através deste, quem se aproximava de sua casa, servindo assim como forma de proteção a sua família. Inicialmente, a vedação dos telhados era feita por telhas de madeira produzidas artesanalmente, a *huld schinge*³. Posteriormente, ocorreu sua substituição por telhas cerâmicas (Figura 06). A planta retangular (Figura 07) é bastante simples e composta por:

Uma sala no centro com os demais cômodos dispostos em volta dela (os dormitórios); na parte frontal da sala, havia acesso a varanda; e um dormitório, localizado na parte frontal da casa, recebia uma abertura interna

2 O enxaimel é uma técnica construtiva tradicional europeia, na qual uma estrutura de madeiras encaixadas tem seus vãos preenchidos com pedras, tijolos ou taipa.

3 Tradução do pomerano: Telha de madeira.

e outra com acesso a varanda, representando o quarto do namoro⁴. Este cômodo permanece inserido por costume, por tradição. Preservando-se nas edificações, ainda que sem funcionalidade estratégica de defesa para o qual foi criado na planta baixa original (CORONA, 2012, p.57).

Internamente, o forro era composto por tábuas estreitas dispostas uma ao lado da outra. Nas juntas, eram utilizadas ‘mata juntas’, peças posicionadas para ocultar as juntas da madeira e proteger contra a entrada de sujeiras e insetos. Serviam também como piso superior.

Além da casa, o paiol compõe a residência típica pomerana. Funciona até os dias atuais como um anexo, sendo utilizado como depósito de ferramentas e da produção agrícola. Em muitos, há um forno a lenha, utilizado principalmente para assar o *Brot*⁵, principal alimento pomerano. A cozinha localizava-se separada do corpo principal da casa, devido a necessidade da utilização de lenha para cozinhar. Desta forma, a fumaça produzida não adentrava o interior da casa e evitavam-se possíveis incêndios. Da mesma forma, os banheiros também se localizavam do lado de fora.



Figura 05- A esquerda construção de casa Enxaimel por imigrantes; A direita, parede de Taipa de mão.

Fonte: Pommerland: A saga pomerana no Espírito Santo; Autoras 2022.

4 Quarto do namoro: “Dormitório localizado na parte frontal da casa, recebia uma abertura interna e outra com acesso a varanda. Esse cômodo permaneceu inserido por costume, ainda que sem a funcionalidade estratégica de defesa para o qual foi criado na planta baixa original” (CORONA, 2012, p. 57).

5 Pão típico pomerano.



Figura 06 - Casa típica Pomerana.

Fonte: Autoras 2022

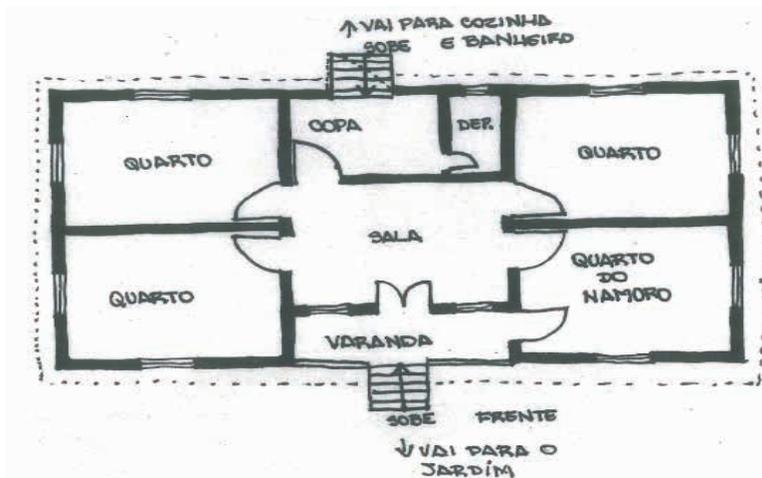


Figura 07 - Croqui de uma planta baixa típica casa pomerana.

Fonte: Corona (2012, p.55).

Igrejas

Os pomeranos que migraram para o Espírito Santo seguiam em sua maioria a doutrina Luterana. Ela foi implantada na Pomerânea no século XVI, inicialmente mais forte nas cidades e posteriormente adentrou os feudos. Isto fez com que, a partir de 1530, “a Pomerânia se tornasse predominantemente evangélica/luterana” (RÖLKE 1996 p.29), mas “sem abandonar totalmente suas crenças primitivas e rituais, a exemplo de benzeduras e rezas” (CORONA, 2012, p.25).

No início da imigração, os cultos eram realizados em pequenas capelas. Com o aumento do número de imigrantes que chegavam às terras capixabas, as comunidades foram crescendo, havendo assim a necessidade de um local maior para os cultos. Em regime de mutirão, homens e mulheres luteranos organizavam-se e iniciavam a construção

de seu templo. Os *justaments*⁶ foram essenciais para a construção das casas e templos pomeranos. Representavam a solidariedade pomerana e ao mesmo tempo eram uma forma de lazer e confraternização.

A primeira capela luterana construída em terras capixabas localizava-se na região de Campinho⁷ e foi erguida com a ajuda financeira do governo brasileiro. Era uma construção simples e precária, implantada em um terreno afastado da casa dos colonos (Figura 08). Após inúmeros pedidos, o governo autorizou a transferência de sua sede para o centro. Deu-se início então a construção de um novo templo.

Inaugurada no ano de 1866, a igreja de Campinho foi um marco não somente para a doutrina luterana, mas para todas as religiões evangélicas. Além de ser a primeira igreja luterana do estado do Espírito Santo, foi a primeira igreja não católica a possuir torre no país e na América Latina⁸. Naquela época, a constituição imperial vigente proibia a construção de torres em templos não católicos. O artigo 5º da constituição imperial afirmava: “a religião *Catholica* Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular em casas para isso destinadas, sem forma exterior de Templo”⁹. Ficava restrito também, além da torre, a utilização da cruz, sinos ou qualquer símbolo sagrado que remetesse a um local de culto. Mesmo com o conhecimento da lei, o pastor responsável pela comunidade na época, ordenou a construção de uma torre com três sinos para a comunidade. Inaugurada em 30 de janeiro de 1887, o remanescente arquitetônico encontra-se preservado até os dias de hoje no Município de Domingos Martins.



Figura 08 - Primeira Capela e Casa Paroquial da Comunidade de Campinho (à esquerda). Inauguração da primeira Igreja Luterana do Espírito Santo em Campinho (no meio) Atual templo luterano no centro de Domingos Martins (à direita).

Fonte: Portal Luteranos 2022

6 Tradução: Ajuntamento. Confraternização comunitária, aliada ao trabalho sem remuneração em benefício de uma determinada família (GAEDE, 2012, p. 108).

7 A região do Campinho corresponde ao atual núcleo urbano da cidade de Domingos Martins/ES.

8 Portal Luteranos <http://www.luteranos.com.br/conteudo/hi-historia-da-paroquia-evangelica-de-confissao-luterana-em-domingos-martins-es>. Acesso em 22 de junho de 2022

9 Portal Luteranos <http://www.luteranos.com.br/conteudo/hi-historia-da-paroquia-evangelica-de-confissao-luterana-em-domingos-martins-es>. Acesso em 22 de junho de 2022

Como outro importante exemplar da arquitetura religiosa pomerana, a igreja de Luxemburgo, localizada no município de Santa Leopoldina (Figura 09), foi a primeira igreja evangélica luterana da antiga colônia de Santa Leopoldina. Considerada a segunda mais antiga do estado, foi erguida pelos primeiros colonos pomeranos da região, no ano de 1869. Para sua construção, foram utilizados os materiais que a natureza dispunha, como madeira e barro socado, dando forma as paredes de 60 centímetros que caracterizam a edificação. Como de costume na época, foi construída sem a presença de uma torre central. A estrutura de madeira na parte externa acomodava os sinos doados pelo governo imperial. Atualmente, a comunidade de Luxemburgo é uma das mais preservadas igrejas luteranas do estado (Figura 9).



Figura 09: Construção da comunidade luterana de Luxemburgo em 1869; Edifício atual (2022)

Fonte: Acervo comunidade Luterana; Autoras 2022

Os templos Luteranos possuem em sua maioria um formato simples, com uma planta baixa retangular que reflete os três pilares básicos da liturgia da doutrina luterana: “proclamação (Púlpito), o sacrifício (altar) e o nascimento da fé (batistério)” (CORONA, 2012, p.77) (Figura 10).



Figura 10: Altar da comunidade luterana de Luxemburgo -Espírito Santo

Fonte: Autoras 2022

O altar é o elemento principal da igreja, estando localizado no centro da capela-mor. Nas costas do altar, encontra-se uma cruz, representando o sacrifício de Jesus Cristo. O batistério está implantado próximo ao altar, em seu lado esquerdo e representa a iniciação da criança na vida cristã. Nele são realizados os batismos, na maioria das vezes ainda na infância. Do lado direito do altar, encontra-se o púlpito, local da prédica pastoral, momento em que o pastor se comunica com a comunidade. Normalmente, é implantado em um patamar elevado, facilitando a visibilidade e propagação da mensagem. O maior espaço do templo é destinado aos bancos, acomodados em fileiras e que acomodarão os membros para os cultos.

As igrejas luteranas pomeranas, na região serrana do Espírito Santo, caracterizam-se pela sua simetria e a presença de uma torre central com sinos. Esses possuem grande importância. O sino sinaliza e convoca os membros para os cultos. Ainda hoje, nas comunidades interioranas do estado, é possível observar o ofício do sineiro. A entrada da igreja é marcada pela presença do átrio, local de encontro entre os membros e de preparação para os cultos. As janelas nas fachadas possuem a forma de arcos e são posicionadas de maneira a priorizarem a iluminação natural dentro dos templos, ajudando a transmitir aos fiéis o ideal de sagrado. O telhado de duas águas remete às igrejas e construções civis europeias, característica trazidas pelos imigrantes.

A partir de entrevistas com pastores das comunidades do município de Santa Maria de Jetibá e de Vitória, é possível compreender que as igrejas aqui construídas, se comparadas com as igrejas Luteranas tradicionais alemãs, não seguem um padrão definido. Os imigrantes pomeranos não possuíam conhecimento litúrgico para a execução de seus templos. Eram simples trabalhadores rurais que se basearam na sua memória para a construção de seus templos, trazendo lembranças de suas igrejas na Pomerânia e baseando-se no pouco conhecimento que tinham para ergue-las. Sabe-se também que alguns templos luteranos no município foram construídos a partir de cópias de plantas de igrejas da Alemanha trazidas pelos pastores que vieram a região no século XIX para prestarem auxílio pastoral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Halbwachs (1990) afirma que a evocação do passado constitui uma fonte de testemunho extremamente relevante, pois permite o resgate de pessoas e fatos sociais relevantes para os grupos e se torna essencial para constituição da identidade individual ou coletiva. Nesse sentido, destaca-se que a arquitetura é uma importante fonte de evocação da memória, pois possuem a capacidade para “modificar a disposição fisiológica, pois pode estimular os sentidos e interferir no comportamento, além de ativar mecanismos no cérebro capazes de despertar o estado emocional do usuário a partir do contato com o espaço físico” (OLIVEIRA, BITTENCOURT e PINHEIRO, 2020, p.101). Ou seja, a arquitetura

pomerana constitui um importante patrimônio cultural capixaba que ajuda a perpetuar a memória, as tradições, costumes e técnicas construtivas oriundas da Europa e adaptadas às condições climáticas brasileiras. Ademais, não possui somente valor arquitetônico, artístico e históricos, estando enraizados em suas paredes valores afetivos e culturais. Desta forma, representam uma mescla de bens materiais e imateriais, ou seja, domínio da técnica associado às crenças e rituais.

O Brasil representa hoje a maior colônia de pomeranos do mundo, sendo o município de Santa Maria de Jetibá, no Espírito Santo, o maior núcleo de descendentes deste povo atualmente. O país físico Pomerânia, apesar de extinto após a segunda guerra mundial, continua vivo através do legado perpetuado de geração em geração por seus antepassados e mantidos até os dias atuais, seja nas suas representações materiais, como nas imateriais. Bosi corrobora nessa discussão ao destacar que a memória está em constante evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, apesar de suas deformações sucessivas. Apesar dessas transformações, a pesquisa identificou que ao longo dos últimos anos, os descendentes de pomeranos mantiveram vivas suas tradições e costumes.

A pesquisa identificou que não existem muitos registros documentais em relação à arquitetura pomerana e suas características no Brasil e no Espírito Santo. O maior legado constitui-se dos artefatos remanescentes que sobrevivem nessas pequenas cidades do interior capixaba e são preservados pela população local como expressão da sua cultura. Apesar de não receberem tombamento federal ou municipal, o município de Santa Maria de Jetibá incentiva a manutenção de seus exemplares arquitetônicos, estando sua preservação a cargo da união prefeitura/comunidade, fato que prejudica a sua manutenção.

Em conversas com a comunidade e prefeitura, constatou-se o abuso frequente de madeiras locais, que abordam moradores oferecendo valores baixos pela compra de casas típicas, com o intuito de demoli-las para a retirada de madeira de lei para a produção de móveis. Hoje, percorrendo o interior, muitas encontram-se abandonadas ou em estado ruim de conservação.

Através de ações realizadas pelo Iphan e a prefeitura em parceria com as comunidades e igrejas luteranas, há o incentivo para realização de práticas sociais imateriais, representadas através da valorização da língua pomerana no município, da realização de festas e casamentos típicos, feiras gastronômicas entre outros.

O patrimônio cultural pomerano, tomados individualmente ou em conjunto, expressam as representações deste grupo formador da sociedade brasileira, ou seja, representam os imigrantes pomeranos que vieram ao Brasil e trouxeram sua cultura, costumes, histórias e conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lopes Dinoráh. A colônia pomerana no Espírito Santo: A manutenção de identidades e tradições. **Caderno de anais, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)**, 2015, p.49-59.

AMBROZIAKI, Renata Siuza; MANSKE, Cione. Religião, morte e cemitério na memória coletiva e identidade étnica dos pomeranos e seus descendentes no Brasil. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano XIV, n.40, maio/agosto de 2021 - ISSN 1983-2850.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CORONA, Bianca Aparecida. **Pomerish Huss: A casa pomerana no Espírito Santo**. Vitória, editora GM,2012.

GAEDE, Valdemar. **Presença Luterana no Espírito Santo: Os primórdios da presença luterana no estado do Espírito Santo e a história da Paróquia de Santa Maria de Jetibá**. São Leopoldo, editora Oikos 2012.

JACOB, Jorge Kuster. **A imigração e aspectos da cultura pomerana no Espírito Santo**. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, 1992.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MANSKE, Cione Marta Raasch. **Imigração pomerana no Espírito Santo**. Dissertação (mestrado em educação e religião) - Universidade de Vila Velha, Espírito Santo, 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, n.10, p.07-28, dez.1993.

OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva; BITTENCOURT, Maria Augusta Deprá; PINHEIRO, Victória Christina Simões. Configurações arquiteturais evocativas: neurociência, espaço, memória e emoções. In: LYRA, Ana Paula Rabello *et al.* **Cidades e representações**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva; FERREIRA, Claudio Lima; GALLO, Haroldo. Memórias (In)visíveis: reflexões sobre o centro de Campinas-SP. **Revista ARA**, n. 3, primavera/verão, 2017. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2525-8354.v0i3p209-230>.

PORTAL LUTERANOS. **A caminho em terras brasileiras**. Disponível em <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/a-caminho-em-terras-brasileiras>>. Acesso em 22 de junho de 2022

_____. **História da presença luterana em Santa Maria de Jetibá**. Disponível em <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-da-presenca-luterana-em-santa-maria-de-jetiba-es>>. Acesso 22 de junho de 2022

_____. **História da paróquia evangélica de confissão luterana em Domingos Martins** <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/hi-historia-da-paroquia-evangelica-de-confissao-luterana-em-domingos-martins-es>>. 22 de junho de 2022

PROJETO IMIGRANTES. **Hospedaria**. Disponível em <<http://imigrantes.es.gov.br/html/hospedaria.html>>. Acesso em: 22 de junho de 2022

Histórico. Disponível em <<http://imigrantes.es.gov.br/html/historico.html>>. Acesso em 22 de junho de 2022

RÖLKE, Helmar Reinhard. **Descobrimdo raízes: Aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânea.** [s.n] Vitória, 1996.

VOLBRECHT, Edgard; SCHAEFFER, Dario Geraldo. **Igreja de jequitibá: Um século de existência.** Vitória, 1982.